



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO  
CENTRO DE CIÊNCIAS, EDUCAÇÃO E LINGUAGENS (CCEL) – BACABAL  
CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS HUMANAS**

**MODERNIDADE EM PEDAÇOS: UMA ABORDAGEM A PARTIR DE ZYGMUNT  
BAUMAN.**

**MARIA GESSIANA RODRIGUES DE CASTRO**

**BACABAL-MA  
2023**

**MARIA GESSIANA RODRIGUES DE CASTRO**

**MODERNIDADE EM PEDAÇOS: UMA ABORDAGEM A PARTIR DE ZYGMUNT  
BAUMAN**

Monografia de Conclusão de curso, apresentada ao Curso de Ciências Humanas da Universidade Federal do Maranhão, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Licenciada em Ciências Humanas com habilitação em Sociologia. Orientador: Prof. Dr. João Caetano Linhares.

**BACABAL-MA**

**2023**

**MARIA GESSIANA RODRIGUES DE CASTRO**

**MODERNIDADE EM PEDAÇOS: UMA ABORDAGEM A PARTIR DE ZIGMUNT  
BAUMAN**

Monografia de Conclusão de curso,  
apresentada ao Curso de Ciências Humanas  
da Universidade Federal do Maranhão, como  
parte dos requisitos para a obtenção do título  
de Licenciada em Ciências Humanas com  
habilitação em Sociologia. Orientador: Prof.  
Dr. JOÃO CAETANO LINHARES

Aprovada em \_\_\_\_\_ / \_\_\_\_\_ / \_\_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

---

Orientador

---

1º Examinador

---

2º Examinador

Dedico a Deus e a minha filha, Laura Helena.

## AGRADECIMENTOS

Sou grata a Deus, pela vida e por tantas outras conquistas que me deste como minha família e minha filha, Laura Helena, que hoje é a minha inspiração e significado de amor maior.

Agradeço também aos meus pais, João e Eliana por cada ensinamento, cuidado e força que me deram para alcançar o tão sonhado ensino superior, o sonho de concluir o curso na Universidade pública também é de vocês.

Ao meu esposo Leandro, meu companheiro da vida e que esteve comigo nos momentos mais difíceis, incentivando-me a concluir o curso, como também esta monografia, obrigada por todo apoio e compreensão.

A todo o corpo docente da Universidade Federal do Maranhão, campus de Bacabal, a cada professor que acompanhou minha caminhada e em especial meu orientador Dr. João Caetano Linhares, pela dedicação e paciência que guiou a construção deste trabalho, seus ensinamentos e positividade foram essenciais para concluir mais esta etapa da minha vida acadêmica.

A todos os meus familiares e amigos, que sempre estiveram ao meu lado incentivando meus estudos, agradeço todos pelo apoio demonstrado ao longo de todo o período de tempo em que me dediquei a este trabalho.

## RESUMO

A modernidade líquida de Zygmunt Bauman é uma teoria sociológica que analisa as transformações sociais e culturais que ocorreram a partir do século XX. Bauman argumenta que a sociedade moderna ainda não foi superada, mas passou de uma modernidade sólida, caracterizada pela estabilidade e estruturas sólidas, para uma modernidade líquida, caracterizada pela fluidez e instabilidade. É com base nessa primícia que delinearemos esta pesquisa em busca esmiuçar conceito de modernidade líquida em seus aspectos históricos, sociológicos e antes de mais nada, filosóficos. A pesquisa tem como objetivo apresentar a análise, feita pelo sociólogo, sobre as mudanças no capitalismo globalizado, na cultura de consumo e nas relações sociais que levaram nossa sociedade para um estágio de liquefação constante. Propomos com essa abordagem expor as questões como a fragilidade dos laços humanos, a efemeridade das identidades constituídas pelo alto consumismo e a liquidez das instituições sociais. Para tanto, realizaremos a análise literária da obra *Modernidade líquida*, afim de oferecer uma reflexão crítica sobre as transformações sociais e culturais da sociedade moderna e buscar entender as consequências dessas mudanças para as relações humanas e para a vida em sociedade. Expomos, ainda, a abordagem sociológica crítica, realizada pelo sociólogo Donncha Morron, sobre crédito para o consumo, com o intuito associar a teoria apresentada por Bauman, de como a formação de identidades fluidas está baseada no consumo rápido e implacável de bens e serviços com a facilidade que o sistema de crédito proporciona aos indivíduos e como isso pode estar afetando a sociedade de forma social e econômica.

**PALAVRAS-CHAVES:** Modernidade. Liquidez. Consumo. Identidades fluidas

## ABSTRACT

Zygmunt Bauman's liquid modernity is a sociological theory that analyzes the social and cultural transformations that have occurred since the 20th century. Bauman argues that modern society has not yet been overcome, but has moved from a solid modernity, characterized by stability and solid structures, to a liquid modernity, characterized by fluidity and instability. It is based on this first fruit that we will outline this research in an attempt to scrutinize the concept of liquid modernity in its historical, sociological and, above all, philosophical aspects. The research aims to present the sociologist's analysis of changes in globalized capitalism, consumer culture and social relations that have led our society to a stage of constant liquefaction. With this approach, we propose to expose issues such as the fragility of human ties, the ephemerality of identities constituted by high consumerism and the liquidity of social institutions. To do so, we will carry out a literary analysis of the work *Liquid Modernity*, in order to offer a critical reflection on the social and cultural transformations of modern society and seek to understand the consequences of these changes for human relations and for life in society. We also expose the critical sociological approach, carried out by the sociologist Donncha Morron, on credit for consumption, with the intuited idea of associating the theory presented by Bauman, of how the formation of fluid identities is based on the fast and relentless consumption of goods and services with the ease that the credit system provides to individuals and how this may be affecting society in a social and economic way.

**KEYWORDS:** Modernity. Liquidity. Consumption. fluid identities

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>09</b>
<b>2</b>	<b>O DIAGNÓSTICO DE BAUMAN SOBRE A MODERNIDADE.....</b>	<b>15</b>
<b>2.1</b>	<b>Contexto de produção da obra.....</b>	<b>18</b>
<b>2.2</b>	<b>O estágio fluido da era moderna.....</b>	<b>20</b>
<b>2.3</b>	<b>Modernidade sólida e o processo de liquefação dos sólidos.....</b>	<b>21</b>
2.3.1	Emancipação .....	25
2.3.2	individualidade.....	27
2.3.3	Tempo e espaço.....	30
<b>3</b>	<b>APLICANDO A TEORIA DE ZYGMUNT BAUMAN.....</b>	<b>32</b>
<b>3.1</b>	<b>Identidades fluidas.....</b>	<b>36</b>
	<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>39</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>41</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O conceito que se constituiu como ‘modernidade líquida’ foi desenvolvido pelo sociólogo polonês Zygmunt Bauman e remonta a época em que “as relações que compõem a sociedade e o mundo se encontram em um estado similar ao estado liquefeito da matéria, flexíveis e voláteis” (Oliveira, 2012, p. 26). Sendo assim, é momento em que a sociedade desperta do seu estado inerte e já não consegue manter suas partes sólidas unidas.

Essa contínua e irrecuperável mudança de posição de uma parte do material em relação a outra parte quando sob pressão deformante constitui o fluxo, propriedade característica dos fluidos. Em contraste, as forças deformantes num sólido torcido ou flexionado se mantêm, o sólido não sofre o fluxo e pode voltar à sua forma original (BAUMAN, 2001, 06)

É com base nessa ideia que Bauman emoldura sua teoria sobre a sociedade moderna e pós-moderna. Perpassando um diagnóstico sobre as transformações sociais existente nesse processo. Assim como, entender também aquilo que permaneceu modificado e ressignificado.

A realidade observada por Bauman mostra uma sociedade e cultura transformadas em objeto e um mundo que trouxe consigo uma sobrecarga de patologias e radicais mudanças nas formas de pensar e se relacionar em sociedade. O que também motivou Bauman a estabelecer novos conceitos apropriados para a descrição de tal momento da sociedade sob uma perspectiva sociológica. Bauman (2010, p. 11-12) considera que:

A modernização compulsivo-obsessiva foi desde o princípio a mais profunda essência da modernidade, e nada sinalizava que estivéssemos na iminência de nos libertar dessa compulsão, dessa obsessão. Com uma importante ressalva, porém: se nossos antepassados quiseram derreter todos os sólidos existentes, não foi pelo desagrado em relação à solidez, mas pela insuficiente (em suas opiniões) solidez daqueles sólidos tradicionais/incorporados/estabelecidos. Eles consideravam 'derreter os sólidos' uma medida meramente transitória, a ser aplicada apenas até que esses sólidos fossem produzidos de modo a não exigir nem permitir qualquer fusão posterior.

Sendo assim, a vida líquida surge como um fenômeno de qualidade efêmera, em que a única constância é a mudança e a constante modificação de todos os aspectos da vida. Em outras palavras, ao adentrarmos na modernidade estamos “enraizado no pressuposto de que a contingência, a incerteza e a imprevisibilidade estão aqui para ficar” (BAUMAN, 2001, p. 13).

O que torna a vida instável e propensa a incompletude das relações sociais que são estabelecidas entre seus membros.

A modernidade é uma daquelas palavras presentes no nosso cotidiano. Mas, ainda assim, se faz de difícil compreensão. E defini-la pode ser algo desafiador. Na linguagem pode apresentar um significado ambíguo. Em nosso dia-a-dia, falar em modernidade pode exprimir tanto uma marcação temporal para se referir a algo contemporâneo, assim como pode ser utilizado para se referir a uma novidade, por exemplo.

Outro uso comum da palavra modernidade, assim como tudo o que é considerado moderno, é seu vínculo com a ciência e a tecnologia. Tudo que se diz ser moderno carrega o peso de ser “de última geral”, ou seja, o que é mais atual. De acordo com Bauman (2008), isso induz a constante necessidade de aprimoramento, fazendo com que nada permaneça estável por muito tempo. Pois logo se torna ultrapassado, acelerando o consumo.

Isto, no ponto de vista de Bauman (2008), em sua obra *Vida para consumo*, são os impactos da modernidade, que por consequência convertem o espaço social em mercado de consumo e os indivíduos em mercadorias. Isso significa dizer que os grupos e sociedades que não se adequam aos novos modelos são considerados inferiores, atrasados, ou seja, se tornaram mercadorias que não atendem as necessidades da era moderna.

A forma mercadoria penetra e transforma dimensões da vida social até então isentas de sua lógica, até o ponto em que a própria subjetividade se torna uma mercadoria a ser comprada e vendida no mercado, como a beleza, a limpeza, a sinceridade e a autonomia. (CAMPBELL apud BAUMAN, 2008, p. 152).

De maneira geral, estes termos são usados como oposição àquilo que é antigo, atrasado ou arcaico. O moderno é sempre novo, por esse motivo a liquidez é um elemento propulsor desse fenômeno. Na modernidade, como denominado por Bauman (2001) os tempos são ‘líquidos’ porque tudo muda tão rapidamente. Nada é feito para durar, para ser ‘sólido’.

Por esse motivo faz-se necessário uma investigação sobre o termo modernidade. Mais precisamente o que seria a modernidade definida por Zygmunt Bauman. E por que ele a caracterizou como algo líquido e volátil. É com base nessa pergunta norteadora que embasaremos este trabalho acadêmico de cunho explorativo e expositivo.

É sob esta perspectiva que propomos analisar a obra de Bauman sobre a modernidade líquida. Em seu cerne, reunir os argumentos proposto pelo sociólogo que explicam o termo “modernidade” e como se tornam liquefaças as relações humanas. Este diagnostico será

realizado sob o prisma conceito de modernidade líquida introduzida por Bauman em seus aspetos históricos, sociológicos e antes de mais nada, filosóficos. Percorrendo a biografia do autor e o contexto de produção da obra modernidade líquida, publicada por volta do ano 2000, na propalada virada do século, sendo efetivamente lançada ao público em 2001.

O trabalho segue as referências do estudo explorativo, utilizando de pesquisa bibliográfica possibilitando a definição e delineamento do tema proposto. Assim, procuraremos, primeiramente, compreender as configurações do modelo compreensivo da realidade (cosmovisão) gerado pela modernidade, para depois nos atermos a uma crítica, baseada em Zygmunt Bauman, sobre a liquidez do mundo moderno.

A princípio, entendemos por modernidade o “período, influenciado pelo Iluminismo, em que o homem passa a se reconhecer como um ser autônomo, autossuficiente e universal”, passando a mover-se pela crença de que, por meio da razão, se pode atuar sobre a natureza e a sociedade. Essa definição de cunho histórico e filosófico moldura a perspectiva que temos acerca da modernidade.

Aprendemos, ainda, que a modernidade é um período histórico no qual diversas e importantes mudanças ocorreram em diversos âmbitos da vida. A historiografia vem promovendo um debate efervescente nas ciências humanas acerca da transição cronológica da antiguidade, idade média para uma modernidade ou pós-modernidade e suas possíveis implicações teóricas. Essa definição do tempo histórico, apesar de existir para fins didáticos, leva em consideração aspectos em comum de cada época, bem como, as mudanças significativas que serviram como marco de cada período.

Na Sociologia, por outro lado, o conceito de modernidade é primordial. De acordo com o intelectual Americano Albion Small “a sociologia nasceu do ardor moderno para melhorar a sociedade” (ALBION SMALL, 1926 *apud* CRISTOPHER TORPE et al, 2016, p. 12). Portanto, se caracteriza como uma ciência que surge para analisar e explicar a sociedade moderna que se formava ao fim do século XVIII. Como consequência das grandes transformações que ocorriam, cria-se a necessidade de examinar como os indivíduos se comportam em grupos e como seu comportamento é moldado por esses grupos. Em outras palavras, como é empregue por Christopher Torpe “a natureza da sociedade em que vivemos influencia nosso comportamento social, afetando praticamente cada aspecto da nossa vida” (2016, p. 12).

A sociologia é, portanto, uma disciplina relativamente moderna, embora alguns filósofos desde a antiguidade reconheçam a existência da sociedade civil e os seus benefícios para a ordem social, acredita-se que suas preocupações estavam mais ligadas a política. No

entanto, regulamente sucedem embates dentro da própria disciplina no que se refere ao surgimento da era moderna. De acordo com Anthony Giddens (2011), a versão amplamente mais aceita indica que a modernidade teve seu início a partir da Revolução Industrial, da Revolução Francesa e a ascensão do Iluminismo, no século XVIII. Por outro lado, há quem indique que a modernidade e a racionalidade que lhe é característica iniciam com o movimento Renascentista e o pensamento Humanista dos séculos XIV e XVI. Esses fenômenos “favoreceram acontecimentos como as chamadas grandes navegações do século XVI que, por sua vez, permitiram criar e reforçar ideias que garantiam a auto-afirmação da própria ideia de modernidade” (GIDDENS, 2011, p.28).

Esses acontecimentos históricos não são vistos de modo isolado, mas passam a se relacionar, além de comporem a mudança de perspectiva e visão de mundo característicos do pensamento moderno. Este pensamento, para Bauman (2001), alterou consideravelmente a maneira como os indivíduos conviviam em sociedade e enxergavam o mundo, essas diferentes visões moldaram a realidade social, cultural, econômica vigentes em diversos locais e para diferentes grupos e sociedades.

Nos estudos de história podemos notar as narrativas dessas grandes transformações que vão desde os avanços da tecnologia, com o surgimento das máquinas modernas que propiciaram a Revolução industrial ao questionamento das certezas tradicionais baseadas nas crenças religiosas.

Com a modernidade, se antes muitas sociedades eram teocêntricas, ou seja, tinham Deus como centro de todas as explicações, a partir do surgimento do pensamento Humanista ocorre a ascensão do antropocentrismo. Dessa forma, “o ser humano e suas ações passam a ser o centro de explicação” (CRISTOPHER TROPPE et al, 2016, p. 13). Sendo assim, a ideia do ser humano como centro vêm à tona quando as bases centrais que outrora explicavam o mundo e a vida passam a ser questionadas. Isso se torna significativo para esclarecer como “as mudanças de posição ocupada pelo ser humano no mundo modifica completamente sua relação para com a produção de conhecimento acerca deste mundo” (CRISTOPHER TROPPE et al, 2016, p. 13).

Alguns pensadores modernos como o filósofo René Descartes expôs sua perspectiva racionalista acerca do mundo moderno, para ele a mente e o corpo são duas substâncias distintas, um material e outro imaterial, mas, apesar disso são capazes de interação, essa famosa distinção ficou conhecida como o dualismo cartesiano. Esse pensamento incorporado à ideia de um sujeito autônomo e racional o fez ser frequentemente descrito como pai da filosofia moderna.

Além deste desdobramento outra importante corrente fez parte da difusão desse

processo. O empirismo defendido por filósofos como: Thomas Hobbes, John Locke e David Hume. Que contrários aos racionalistas acreditam que o conhecimento advém da experiência prática que é adquirida em sociedade.

Perspectivas como essas nos ajudam a compreender a formação do pensamento moderno e que favoreceram a elaboração e a ascensão do conhecimento científico. O filósofo Immanuel Kant argumentava que nossa experiência de mundo envolve ambas teorias, a dos racionalistas que enfatizam o entendimento, e os empiristas que evidenciam o que Kant denominou de sensibilidade. Combinadas geram o conhecimento que se flui no cotidiano. Fundamentando, assim, a teoria do Idealismo transcendental que afirma que tanto a razão quanto a experiência são necessárias para compreender o mundo. Essa abordagem corrobora com a imensa contribuição de Kant com expressão evidente da modernidade. Essa nova forma de pensar e ver o mundo não poderia se constituir sem uma rede de difusão e adeptos a essas novas ideias. O que nos ajuda a entender o que passa a ser moderno, período este que foi constituído a partir dessas transformações e linhas de pensamento.

Outra contribuição como estas foi nos dada pelo advento do iluminismo. Filósofos como John Locke, Montesquieu, Adam Smith, Denis Diderot, entre outros, nos esclarecem que o pensamento moderno começou a se delinear ao longo do Renascimento e, a partir dele, importantes acontecimentos históricos, como os citados acima, moldaram o que ficou conhecido como Idade Moderna.

Dessa forma, reconhecemos que a modernidade atingiu o seu auge com o movimento intelectual conhecido por Iluminismo ao longo do século XVIII. Essa rede de pensadores do iluminismo, de certa forma, agregou a ideia da potencialidade da razão humana e do empirismo ao legado do antropocentrismo deixado pelo Renascimento. Além disso, o movimento Iluminista ressalta que:

O conhecimento científico como o mais importante e legítimo de ser considerado e perpetuado – em detrimento de todos os outros. Além disso, evidencia os valores democráticos suscitados pela Revolução Francesa e a economia industrial e capitalista como modelos ideais a serem seguidos. (BRAGA et al, 2004, 99).

Nesse sentido, a modernidade não foi concebida por acaso. Em diversos locais do continente Europeu eclodiram diversos movimentos que apontaram a direção de uma sociedade diferente daquela que antes existia ao logo dos quase mil anos de idade média. Novas teorias

surgiam para contemplar essa moderna visão de mundo que se constituíam questionando os antigos valores e tradições.

É sob este ponto de vista que é fundamental considerarmos que a modernidade deve ser vista como um projeto civilizatório. “A ciência moderna foi uma construção coletiva” que também moldou o modo de vida e a forma de pensar dos indivíduos (BRAGA et al, 2004, 99). Nesse período é notável por acelerar os avanços na tecnologia e subsequente o desenvolvimento nas comunicações de todos os tipos. O que embarga conotações distintas entre civilizações que acolhiam mais rapidamente as mudanças, modificando o modo de viver e se relacionar em sociedade.

É nesse cenário que Bauman (2001) investiga o comportamento social. Após definido este período que compreendemos por idade moderna. Iniciamos o que o sociólogo nomeia de modernidade sólida. Projeto este que foi configurado pelo advento da ciência, da tecnologia e da razão. Portanto, iniciado pelo iluminismo e atingiu seu apogeu no final do século XIX.

De acordo com Bauman (2001) este momento também passou por diversas dinâmicas que moldaram a sociedade, mas ainda não atingimos a pós-modernidade. Em seus estudos sobre o mundo contemporâneo, Bauman (2001) acredita que a modernidade ainda não foi superada, apenas mudou de forma. Em sua essência a modernidade ainda está em curso, mas sob uma outra vertente que ele caracteriza por: sólida e líquida.

Partindo desse ponto, dividiremos este trabalho acadêmico em três capítulos descritivos e expositivos argumentativos e a conclusão. O primeiro sendo a introdução, como de praxe. Que são apresentados os principais elementos que compõem essa pesquisa: delimitação do tema em questão, o problema de pesquisa, bem como, os objetivos e o percurso metodológico utilizado na construção dessa monografia. Contempla também uma prevê contextualização histórica das características sólidas e líquidas da sociedade moderna.

No segundo capítulo buscaremos desenvolver uma análise da obra de Sigmund Bauman para esmiuçar o conceito, definido pelo Sociólogo, sobre a modernidade líquida. Em busca de compreender os aspectos e desdobramentos dessa teoria desenvolvida em sua obra, que é considerada pela grande maioria dos pensadores como uma eminente contribuição a era moderna. Traçando um arcabouço histórico e sociológico sobre o surgimento da era moderna. Os aspectos sólidos e líquidos desse novo mundo que influenciam drasticamente no modo de vida dos indivíduos em sociedade.

O terceiro e último capítulo, para concluir, iremos introduzir à pesquisa a aplicação da teoria descrita pelo sociólogo irlandês Donncha Marron (2009) que aplicou o conceito de Zygmunt Bauman sobre a modernidade líquida. Apresentaremos a revisão crítica feita pelo

sociólogo em seu livro *Crédito ao consumidor nos Estados Unidos: uma perspectiva sociológica do século XIX ao present*, afim de exemplificar a teoria de Bauman sobre os bens de consumo. Marron (2009) realiza um estudo sobre como o cartão de crédito é uma ferramenta de extrema relevância para esse processo e se encaixa no modo de vida fluida que Bauman descreve. Dessa forma, dispondo do conceito de modernidade definido por Bauman, traçaremos uma análise sobre a globalização e suas consequências no cotidiano social. Aplicando a teoria de Bauman às concepções de estado de bem-estar social do ponto de vista filosófico a fim de examinar a constância e consistência do desejo de consumo.

## **2 O DIAGNOSTICO DE BAUMAN SOBRE A MODERNIDADE**

Em 1999, Zygmunt Bauman publicou *Modernidade Líquida*. Nessa obra ele analisa a natureza da sociedade moderna e suas relações sociais fazendo um resgate histórico desde quando iniciou a idade moderna até os dias atuais.

Bauman (2001) realiza uma análise sobre as conjunturas sociais. Ao fim do século XVIII as sociedades europeias começaram a se agrupar em centros urbanos, caracterizados pela industrialização e pelo capitalismo e passa a adentrar a modernidade que se divide em duas fases: modernidade sólida, que vai até o final do século XIX e a modernidade líquida que se inicia com a chegada do século XX e das grandes transformações que ocorreram nesse período.

Bauman (2001) ao estudar este período, até então nomeado de pós-moderno, chega a conclusão de que a modernidade não foi superada, apenas mudou de forma, mas não de essência. Para ele, as características do mundo moderno sólido se transformaram para uma realidade líquida. A modernidade líquida seria, portanto, “um conjunto de relações e dinâmicas do mundo contemporâneo que se diferenciam da modernidade sólida” que se diferencia de uma ruptura como ocorreu entre a idade média e a moderna (CRISTOPHER TROPPE et al, 2016, p. 15).

Para Bauman (2001) a modernidade sólida é caracterizada pelo projeto do iluminismo, que tem como principal característica a razão e a racionalidade. O nascimento da ciência também define a emergência da modernidade. A industrialização se torna um forte indutor dessa realidade social, cultural e econômica vigente no mundo moderno.

As características determinantes dessa sociedade sólida podem ser identificadas em estruturas ordenadas, racionais, previsíveis e estáveis. As atividades desenvolvidas pelos seres humanos na sociedade e as instituições sociais eram regidas pelas linhas burocráticas, não no

sentido negativo da palavra que induz a algo que remete a dificuldade de execução, ausência de espontaneidade e criatividade. Mas é definida por aspectos que levam a exercer condutas efetivas, que cumprem as tarefas previsíveis, e outrora estabelecidas e orientadas por metas. De acordo com Bauman, a burocracia é a chave da modernidade sólida pois ela é a forma mais eficiente de organizar e ordenar as ações e interações de grandes volumes de pessoas. O que tornaria a sociedade mais maleável e conseqüentemente mais equilibrada, pois era possível prever os progressos.

O elevado nível de controle social seria outra característica identitária da modernidade sólida, o equilíbrio que repousava entre as estruturas sociais não as inibia de mudanças, mas tornava essas mudanças previsíveis e passíveis de serem contidas. As pessoas viviam segundo uma serie de normas e tradições das quais estabeleciam suas condutas e práticas. A sociedade sólida agrupa os indivíduos em um sistema funcional e geograficamente limitado, o que garantia sua conservação.

No entanto, essas características começam a ruir no século XX, um momento de transição entre o estágio sólido para a liquefação do mundo moderno. Historicamente o século XX é marcado por catástrofes que designaram essa transformação aparente do mundo moderno. De acordo com Bauman, não houve uma mudança repentina, a estrutura sólida foi aos poucos se tornando líquida, com o derretimento dos pilares que sustentavam esse sistema estável que incorporava a sociedade moderna sólida. Essa mudança ocorreu com a confluência de uma serie de transformações econômicas, políticas e sociais profundas e conectadas.

Entre elas estão a Primeira Guerra Mundial. Pois, outrora no século XIX a sociedade, com os avanços da tecnologia, acreditava estar caminhando para um progresso da humanidade, mas que com todos os conflitos e perdas gerados pela guerra aniquilaram o otimismo das sociedades modernas sólidas.

Os estados-nações passaram a não mais se estruturar de forma homogênea adquirindo um poder consideravelmente menor, o que contribuiu com a desorganização que se estabelecia na modernidade sólida. A soberania nacional vai dando lugar para uma regência de nível mundial, a perda de autonomia.

Outro grande “divisor de águas” foi a ascensão do capitalismo global e o aumento da propriedade privada. Impactando de forma intensa os meios de produção e por conseqüente a competitividade entre os indivíduos o que interfere nas relações em sociedade que passam a ser mais individualistas e instáveis.

Alem disso, o avanço das tecnologias eletrônicas e a internet agora garantem fluxos de comunicação quase instantâneos, supranacionais. Encurtando o tempo e as distâncias,

encurtando os laços humanos, transformando as formas de trabalho e vida em comunidade.

Sendo assim, Bauman (2001) identifica estes e outros acontecimentos distintos, porém interligados que representam mudanças importantes no rumo dos acontecimentos que produziram a liquefação do mundo sólido. Essa transação é marcada pela confluência de mudanças econômicas, políticas e sociais, complexas e interligadas. A primeira base rompida é com os governos nacionais, que foram gradativamente perdendo de forma considerável sua influência e poder sob a estrutura social tanto local, quanto internacional.

Outro ponto, também já mencionado, mas que é necessário frisar, se refere a ascensão do capitalismo global, que além dos impactos gerais, reflete exclusivamente no modo de trabalho. Bauman (2001) chama atenção para a facilidade em que as pessoas mudavam de função, essa mobilidade se deve a proliferação de corporações transnacionais, que permitiram pessoas e produtos ultrapassarem os limites territoriais de sua nação para atuarem no mercado exterior, resultando em um estado de autoridade descentralizado, ingrediente principal para o derretimento dos sólidos.

O avanço das tecnologias eletrônicas e a internet, formam outro ponto crucial, afirma o sociólogo. Pois afetam os fluxos de comunicação, encurtam distâncias extraterritorial quase instantaneamente, na mesma proporção as afastam. Isso se deve ao uso exagerado das redes que se tornam nocivas para o bem-estar social, as conexões virtuais estabelecidas, apesar de ultrapassarem fronteiras e contribuir com o enriquecimento cultural, seu uso excessivo reflete nas relações físicas reais que se estruturam cada vez mais insuficientes para manter laços sociais duradouros (LIMA, 2019).

O quarto ponto listado por ele se dirige aos danos potenciais causados pela instabilidade e segurança. Nesse processo de mudança entre a forma física e líquida, nos tornamos mais expostos, cada vez menos capazes de nos dedicar por um longo tempo, de maneira adequada, a uma tarefa ou a uma pessoa. As relações estabelecidas em consonância com a comunicação digital, nos fragilizam com a mesma facilidade que adquirimos acesso as informações dos outros, estamos também refém elas. Esse processo de exposição pública afeta diretamente os laços afetivos, e torna artificial o convívio diário entre pessoas (BAUMAN, 2001).

O quinto, se refere ao enorme crescimento das migrações humanas pelo mundo, fator que recebe ênfase em outra obra de sua autoria, *Estranhos à nossa porta*. Nessa e em *Modernidade Líquida*, Bauman (2001) traça considerações sobre os impactos causados pelos fluxos migratórios. O sociólogo nos incita a observar a questão proposta não como um problema do refugiado, que se desloca em uma nova direção, por vezes obrigados a saírem de sua pátria. Se refere a mobilidade social, se antes, as concepções de pertencimento a uma pátria, nação,

país, continente, enfim, a um local que permitia o indivíduo se fixar a uma comunidade, nitidamente estável e forte, na modernidade líquida passam a ser vistos como meras denominações geográficas e territoriais, invenções históricas do homem que podem ser adquiridas e modeladas.

Após essas transformações, lentas e graduais que o século XX trouxe, o mundo sólido passando pelo processo de fusão, tornando-se líquido. Bauman utiliza uma metáfora com a química e a física para explicar este momento histórico que estamos vivendo. Em essência:

A modernidade líquida é uma forma de vida que existe no contínuo e incessante remodelar do mundo moderno de maneiras imprevisíveis, incertas e bombardeadas por crescentes níveis de risco (CRISTOPHER TROPPE et al, 2016, p. 15).

Bauman (2001) utiliza os estados físicos da matéria como metáfora para explicar as características dessas duas fases da modernidade, enquanto os fluidos não se fixam no espaço, e tão pouco se perduram por muito tempo, os sólidos “têm dimensões espaciais claras, mas neutralizam o impacto e, portanto, diminuem a significação do tempo, resistem efetivamente a seu fluxo ou o tornam irrelevante”, os fluidos não se atêm a forma e estão constantemente prontos, e propensos, a mudá-la. Assim, na modernidade líquida, “o que conta é o tempo, mais do que o espaço que lhes toca ocupar; espaço que, afinal, preenchem apenas “por um momento”. Em certo sentido, os sólidos suprimem o tempo; para os líquidos, ao contrário, o tempo é o que importa. (BAUMAN, 2001, p. 07).

O que faz dos líquidos algo móvel, fluido, maleável, amorfo e difícil de conter e prever como os acontecimentos atuais que estão em constante mudança e instabilidade. As superficialidades das relações na modernidade líquida se dão em detrimento da fluidez e diversidade dos acontecimentos impactantes que englobam inúmeras áreas da era globalizada. Para compreender melhor a temática explorada, apresentaremos a seguir o contexto histórico e social de produção da obra.

## **2.1 Contexto de produção da obra**

O filósofo e sociólogo polonês, Zygmunt Bauman nasceu em 1925. Vindo de uma família judia, porém não praticante assiduamente, mas que foi forçada a se mudar para a União Soviética em 1939, após a invasão nazista. A socióloga Izabela Wagner, que publicou uma

biografia sobre o escritor recentemente em 2020, acredita que o fato de Bauman ter sido um refugiado “moldou seu pensamento e fez dele um humanista radical, sempre em defesa da ética e da solidariedade” (WAGNER, 2020, p. 11).

O que parece justificar sua escrita contemporânea e seu interesse pelo modo de vida nas sociedades capitalistas. Sendo considerado como um dos sociólogos mais influentes e eminentes da era moderna. Utilizou o conceito de “modernidade líquida” para explicar como demandam e processam as relações sociais na atualidade, também chamado de pós-moderno por alguns filósofos e cientistas sociais, cujo termo não é reconhecido por Bauman.

Durante sua vida, antes de se consagrar como escritor e sociólogo, Bauman também serviu como militar na divisão polonesa do Exército Vermelho, depois mudou-se para Israel e lecionou na Universidade de Tel Aviv. Em 1971, estabeleceu-se na Inglaterra, onde foi professor emérito de sociologia na Universidade de Leeds até sua morte em janeiro 2017, aos 91 anos.

De acordo com Wagner (2020) em sua biografia o sociólogo serviu ao exército soviético durante a Segunda Guerra Mundial, após o fim da guerra, o sociólogo foi membro do Partido Operário Unificado Polaco e ainda atuou no corpo burocrático do serviço de segurança polonês. O que, na época, o levou a ser obrigado a abdicar da cidadania polonesa, devido as perseguições contra os comunistas judeus no país. Dito isto, entendemos que Bauman ocupou o cargo de militar durante muito tempo, mas optou por seguir a carreira de professor e escritor, formando-se em sociologia na Universidade de Varsóvia.

Após ser expulso da polônia em 1968, por criticar o governo polonês, que à época era comunista. Passou a lecionar na Universidade de Leeds, na Inglaterra, até sua aposentadoria, 1990. Embora tenha perdido sua cidadania polonesa por ser crítico ao governo comunista de seu país, Bauman militava numa perspectiva humanista de marxismo e declarou-se socialista até o fim de sua vida.

Bauman é autor de mais de quarenta livros, dos quais mais ou menos vinte foram escritos depois que se aposentou, em 1990. “Como reconhecimento de sua contribuição para a sociologia, recebeu o prêmio Theodor W. Adorno em 1998 e o prêmio do Príncipe das Astúrias em 2010” (Wagner, 2020, 35).

Ainda em sua homenagem, a Universidade de Leeds criou o famoso Instituto Bauman em 2010, e em 2013 o diretor polonês Bartek Dziadosz produziu um filme sobre sua vida e opiniões chamado *The Trouble with Being Human These Days*, que traduzido para o nosso idioma seria *O problema do ser humano nos dias de hoje*.

Assim, reitero que Bauman (2004) foi um amante da modernidade e das questões que

envolvem o ser em suas transitoriedades. Foi autor da obra *Amor Líquido*, onde escreveu sobre a afetividade humana e fragilidade desses laços na modernidade. O que torna relevante informar que ele casou uma única vez, com quem viveu até a morte dela, em 2009, a jornalista e escritora Janine Bauman, com quem teve três filhas: Irena, Lydia e Anna. Bauman viveu até os 91 anos, faleceu em 09 de janeiro de 2017, deixando um valioso legado para a comunidade acadêmica (WAGNER, 2020).

## 2.2 O estágio fluido da era moderna

Líquido se caracteriza como “estado da matéria cujas moléculas, dotadas de extrema mobilidade, fazem-no tomar a forma do recipiente que o contém” (LÍQUIDO, 2022). Para Bauman (2001, 07) os líquidos, diferente dos sólidos, “não mantêm sua forma com facilidade. Os fluidos, por assim dizer, não fixam o espaço nem prendem o tempo”. Os elementos que possuem tal característica são flexíveis e voláteis, não mantêm sua forma e mudam de acordo com as circunstâncias do ambiente.

Os líquidos se preenchem no espaço por um curto intervalo de tempo, pois estão firmemente propensos a mudanças. Assim, para eles, “o que conta é o tempo, mais do que o espaço que lhes toca ocupar; espaço que, afinal, preenchem apenas “por um momento” (BAUMAN, 2001, 07). Os sólidos, ao contrário dos líquidos, anulam o tempo. Por se tratar de algo duradouro, que não tem previsão de findar. O que preocupa são os espaços que irão se fixar por um longo período.

Para os líquidos o tempo é algo importante, visto que suas descrições são fatos instantâneos que precisam ser datados. O que explica a necessidade da nossa sociedade de contar a durabilidade das coisas, sejam objetos que compramos ou duração de relacionamentos afetivos. Tudo mostra ter um prazo de validade. E a duração das coisas é algo valioso e incomum.

Essa dicotomia entre os elementos espaço e tempo é explicada por Bauman (2001, p.105) sob a seguinte descrição: “espaço é o que se pode percorrer em certo tempo, e que tempo é o que se precisa para percorrê-lo”. São diferentes porque o tempo, ao contrário do espaço, muda constantemente e tem-se tornado uma ferramenta chave para conquistar os espaços.

Esses elementos, antes, na modernidade sólida não se distinguiam, se entendiam com definições unânimes e estavam “outrora mesclados nos afazeres da vida humana”. Mas, com o advento da modernidade, surgiu a necessidade de diferenciar os dois termos que passaram a se diferenciar no pensamento e prática dos homens. Para o sociólogo, “A história do tempo

começou com a modernidade”. Portanto, “a modernidade é, talvez mais que qualquer outra coisa, a história do tempo” (BAUMAN, 2001, p.105).

Em analogia ao provérbio “tempo é dinheiro” de Benjamin Franklin, Bauman (2001, p. 107) acrescenta a esta afirmação que “o tempo se tornou dinheiro depois de se ter tornado uma ferramenta”, um aparato oportuno manuseado e estimado pelos homens “voltada principalmente a vencer a resistência do espaço: encurtar as distâncias, tornar exequível a superação de obstáculos e limites à ambição humana.

A relação entre tempo e espaço deveria ser de agora em diante processual, mutável e dinâmica, não predeterminada e estagnada. A conquista do espaço veio a significar máquinas mais velozes. O movimento acelerado significava maior espaço, e acelerar o movimento era o único meio de ampliar o espaço. Nessa corrida, a expansão espacial era o nome do jogo e o espaço, seu objetivo; o espaço era o valor, o tempo, a ferramenta (BAUMAN, 2001, p.108).

Nesse sentido, a modernidade é marcada pela conquista do espaço, acúmulo de bens, consumo excessivo e escassez de tempo. Como a ocupação dos espaços estava fundada na obtenção de riquezas e poderes a disputa por espaço se intensificou o que explica o progresso significativo na crescente expansão espacial. Na aquisição do espaço, o tempo passou a ser flexível e maleável. A mudança em questão causa impacto na condição existencial humana.

O advento do capitalismo, todas as coisas passam a empregar um valor. O que corrobora com a desvalorização de algo que não é visto como útil naquele momento, tornando descartável, e este princípio se atribuem aos materiais e as relações humanas. Dessa forma, para Bauman (2001) a sociedade humana progride de um modo que implica que cada "novo" estágio se desenvolve a partir do estágio anterior. Assim, é necessário definir a modernidade sólida antes de podermos entender a modernidade líquida.

### **2.3 Modernidade sólida e o processo de liquefação dos sólidos**

À medida em que os indivíduos passaram a viver agrupados em sociedade, foram-se fundamentando os princípios da civilização. No entanto, durante boa parte da história, os indivíduos viviam em comunidades rurais. Com o processo de urbanização em larga escala, que se baseia no deslocamento de pessoas oriundas das zonas rurais em direção às cidades, ocasionou a transformação da atividade produtiva, que outrora era agrícola, e tornou-se

industrial e comercial. Nesse sentido, viver em um ambiente urbano tornou-se um aspecto da modernidade.

Historicamente, a expansão do fenômeno urbano dirigiu a Revolução industrial que fomentou o início da Era moderna. O desenvolvimento e crescimento do capitalismo gerou um complexo modelo de economia e sociedade. A fase inicial do capitalismo comercial, que teve início com o enfraquecimento do feudalismo, e expansão marítima comercial e colonial com a formação de colônias europeias no continente americano e africano, fomentaram a fase sólida da idade moderna.

Com os efeitos da industrialização, da racionalização e do capitalismo nascem as ideias do iluminismo. A partir dessas transformações a sociedade foi se moldando sob outras perspectivas, por se tratar de um movimento cultural, sucedido entre os séculos XVII e XVIII, que buscava gerar mudanças políticas, econômicas e sociais na sociedade da época, transformou a então sociedade moderna sólida em diferentes níveis de fluidez.

O movimento iluminista se tornou uma peça chave para essa mudança pois por meio da razão buscavam acelerar o progresso da humanidade, tudo passa a ser questionado, até a mais cômoda vida regada pelo sedentarismo, os costumes mais sólidos se liquefazem gradativamente. Os iluministas também questionaram os poderes absolutistas dos governos, pregando assim maiores liberdades individuais e políticas, alargando o horizonte de possibilidades, nada estava definido, e isso afetava todos os âmbitos sociais e econômicos.

Bauman (2001) caracteriza isso como “vingança do nomadismo contra o princípio da territorialidade e do assentamento” (BAUMAN, 2001, p. 17). isso porque ao longo do estágio sólido da era moderna, os hábitos nômades foram mal vistos. A cidadania andava intrinsecamente ligada com os sedentários, em fazer parte de uma comunidade de assentados, a falta de endereço fixo e de estado de origem significava exclusão da comunidade obediente e protegida pelas leis, frequentemente tornando os nômades vítimas de discriminação legal, quando não de perseguição ativa. Atualmente isso ainda se aplica à subclasse, dos quais podemos encontrar moradores de rua, ou pessoas sem recurso para possuir uma residência. Bauman (2001), explica que no estágio fluido da era moderna estamos testemunhando a abertura das fronteiras fechadas pelas guerras e pela concentração de poder, avanços territoriais, migrações em larga escala, dominação sem ocupação que remete a extensão da política por outros meios. Isso ocorre porque, segundo Bauman “fixar-se ao solo não é tão importante se o solo pode ser alcançado e abandonado à vontade”. Por outro lado, entende-se ainda que “fixar-se muito fortemente, sobrecarregando os laços com compromissos

mutuamente vinculantes, pode ser positivamente prejudicial, dadas as novas oportunidades que surgem em outros lugares” (BAUMAN, 2001, p. 17).

Deste modo, Bauman (2001) foi mapeando os acontecimentos que induziram os derretimentos dos sólidos produzidos na modernidade. Assim, “a modernidade significa muitas coisas, e sua chegada e avanço podem ser aferidos utilizando-se muitos marcadores diferentes” (BAUMAN, 2001, p. 12). Por esse motivo, a partir da perspectiva de Bauman (2001), podemos mapear alguns acontecimentos históricos que fomentaram o período de transição entre o fragmento do período medieval e o surgimento da história moderna, que ainda está em curso, no entanto, sob outra forma.

Bauman (2001) esclarece as objeções que são formuladas sobre a periodização que se entende por modernidade ter sido um processo de liquefação desde o começo. Tendo em vista que a divisão da história em períodos distintos é pautada por marcos históricos que normalmente acarreta grandes mudanças. É importante considerarmos também que essa classificação eurocêntrica é definida por historiadores modernos a fim de facilitar o estudo e o ensino da História por uma perspectiva cronológica. Portanto, é compreensível o pensamento primário que designa o surgimento de um novo período como um processo de “derretimentos dos sólidos” que perpetuavam no período anterior. Sendo assim, embora a modernidade seja um período divergente ao período medieval, entende-se que ela não foi caracteristicamente fluida desde sua concepção.

As mudanças que são acentuadas para periodizar a história, como forma de dominar o tempo, serviram para converter o que Bauman (2001, p.08) chamou de “limpar a área para novos e aperfeiçoados sólidos” se trata de substituir “o conjunto herdado de sólidos deficientes e defeituosos por outro conjunto, aperfeiçoado e preferivelmente perfeito, e por isso não mais alterável”. Nesse sentido, os acontecimentos citados como marcos históricos importantes deram início às transformações que, ao longo dos séculos, deram a forma da Idade moderna. Para Bauman (2001, p. 8):

Os tempos modernos encontraram os sólidos pré-modernos em estado avançado de desintegração; e um dos motivos mais fortes por trás da urgência em derretê-los era o desejo de, por uma vez, descobrir ou inventar sólidos de solidez *duradoura*, solidez em que se pudesse confiar e que tornaria o mundo previsível e, portanto, administrável.

Conforme compreendia os tempos modernos, Bauman (2001, p. 08) identificou que “os primeiros sólidos a derreter e os primeiros sagrados a profanar eram as lealdades tradicionais”. A quebra desse laço subjacente de responsabilidade humana mútua, deixou toda a complexa

rede de relações sociais desprotegida e exposta, incapaz de resistir às regras de ação e aos critérios de racionalidade inspirados pelos negócios, o que se deteriorou de uma vez por todas quando a competição ganhou ênfase nas relações humanas. Isso porque, a priori, no comércio, as relações de troca eram baseadas na confiança (MENDONÇA et al, 2022).

Embora o capitalismo, novo sistema econômico vigente na era moderna, tenha se constituído com a desintegração do feudalismo, a sua primeira fase, ainda presente na modernidade sólida, chamada de capitalismo comercial, manteve os princípios fundamentais dos acordos tradicionais durante práticas financeiras, que garantiam a comercialização. No entanto, a intensificação das atividades econômicas e a atribuição do dinheiro como produto de valor essencial e regente causou o derretimento dos sólidos que nos levou “à progressiva libertação da economia de seus tradicionais embaraços políticos, éticos e culturais. Sedimentou uma nova ordem, definida principalmente em termos econômicos” (BAUMAN, 2001, p.09).

Essas mudanças passam a ser notória já ao final do capitalismo industrial e emergência do capitalismo financeiro e se tornam sintomas da liquidez. Afetam diretamente as formas de trabalho e conseqüentemente as relações sociais. Se outrora, no trabalho industrial, o trabalhador passava anos se dedicando a exercer uma única função do qual era especializado, na modernidade líquida as formas de trabalho se tornam mais flexíveis, as mudanças de empregos são algo mais comum, exercer múltiplas funções se torna exigido, ter flexibilidade de horários, estar em constante aperfeiçoamento são alguns fatores que descrevem este novo cenário.

Na modernidade sólida, o ambiente de trabalho, ainda que acometido pela tecnologia, é algo estável. O trabalhador que passa boa parte do dia exercendo um cargo semelhante aos demais, tendem a criar laços afetivos duradouros.

Na verdade, nenhum molde foi quebrado sem que fosse substituído por outro; as pessoas foram libertadas de suas velhas gaiolas apenas para ser admoestadas e censuradas caso não conseguissem se realocar, através de seus próprios esforços dedicados, contínuos e verdadeiramente infundáveis, nos nichos pré-fabricados da nova ordem: nas classes, as molduras que, tão intransigentemente como os estamentos já dissolvidos, encapsulavam a totalidade das condições e perspectivas de vida e determinavam o âmbito dos projetos e estratégias realistas de vida (BAUMAN, 2001, p.11).

Dessa forma, Bauman se dedica a descrever a profunda mudança que o advento da “modernidade fluida” produziu na condição humana. Para tanto, foram selecionados para exame cinco dos conceitos básicos em torno dos quais as narrativas ortodoxas da condição

humana tendem a se desenvolver: a emancipação, a individualidade, o tempo/espaço, o trabalho e a comunidade. Bauman (2001, p.13) atribui as seguintes características a vida moderna baseada pela relação cambiante entre espaço e tempo: “A modernidade começa quando o espaço e o tempo são separados da prática da vida e entre si, e assim podem ser teorizados como categorias distintas e mutuamente independentes da estratégia e da ação”.

### 2.3.1 Emancipação

O homem moderno, no estágio de emancipação da modernidade líquida, está livre para agir conforme os desejos, e sente continuamente a necessidade de libertação, seja de um trabalho que lhe consumia muito tempo e dedicação exclusiva, ou de um relacionamento duradouro que restrinja suas atividades. O questionamento levantado por Bauman (2001) ao observar o movimento que remete a emancipação é o fato de que estamos vivenciando uma liberdade ilusória.

Uma dessas questões é a possibilidade de que o que se sente como liberdade não seja de fato liberdade; que as pessoas poderem estar satisfeitas com o que lhes cabe mesmo que o que lhes cabe esteja longe de ser “objetivamente” satisfatório; que, vivendo na escravidão, se sintam livres e, portanto, não experimentem a necessidade de se libertar, e assim percam a chance de se tornar genuinamente livres (Bauman, 2001, p.20).

Bauman (2001) aponta que o indivíduo se submete à sociedade e essa submissão é a condição de sua libertação. Nesse sentido, não só não há contradição entre dependência e libertação: não há outro caminho para buscar a libertação senão submeter-se à sociedade e seguir suas normas. Estas condições são imposições para viver e acompanhar o acelerado ritmo da modernidade líquida. E isso se aplica em todas as camadas da sociedade e estágios de relacionamentos, sejam nas formas de trabalho e afeto ou na incessante necessidade de adquirir novos produtos. De acordo com ele, a liberdade não pode ser ganha contra a sociedade. Portanto, não se trata de se rebelar contra as normas, do contrário, “a ausência, ou a mera falta de clareza, das normas, a anomia, é o que prejudica as pessoas em sua luta para dar conta dos afazeres da vida” (BAUMAN, 2001, p.23). A solidez proporciona isso, uma rotina que nos protege das irregularidades de uma vida de impulsos momentâneos, de ações de curto prazo, de uma vida sem hábitos.

A modernidade líquida trouxe consigo “o fim da definição do ser humano como um ser social, definido por seu lugar na sociedade, que determina seu comportamento e ações”. E em seu lugar foi criado o princípio da combinação entre “definição estratégica da ação social que

não é orientada por normas sociais e a defesa, por todos os atores sociais, de sua especificidade cultural e psicológica” que podem ser encontradas dentro do indivíduo, e não mais em instituições sociais ou em princípios universais (BAUMAN, 2001, p.24).

A emancipação, para a filosofia, consiste na realização plena da liberdade, significa dizer que os indivíduos são capazes de pensar e agir por se mesmo, livres de domínios externos. No entanto, a liberdade envolve exigências políticas, econômicas e sociais, portanto, não se restringe a aspectos individuais.

Ao estudarmos a história do conceito empregado por Bauman, vimos que durante a fase da modernidade sólida, emancipação significava livrar-se das autoridades da monarquia e da religião que dominavam a Idade Média. Na modernidade líquida, esta liberdade se refere ao pensamento e modelo de estado que dominava no século XIX e início do XX, que ainda era pouco aberto para uma democracia de massas.

Mas a liberdade na modernidade líquida se apresenta paradoxal. Para ele, “a liberdade sem precedentes que nossa sociedade oferece a seus membros chegou, (...) e com ela também uma impotência sem precedentes” (BAUMAN, 2001, p.26). Isso se deve a promoção da desregulamentação do acesso as mercadorias, promovida pelo fluxo de capital e da remoção de barreiras espaciais. No entanto, toda essa disponibilidade promove uma falsa sensação de liberdade pois ela está limitada ao desejo de consumo.

Sentir-se livre das limitações, livre para agir conforme os desejos, significa atingir o equilíbrio entre os desejos, a imaginação e a capacidade de agir: sentimo-nos livres na medida em que a imaginação não vai mais longe que nossos desejos e que nem uma nem os outros ultrapassam nossa capacidade de agir. O equilíbrio pode, portanto, ser alcançado e mantido de duas maneiras diferentes: ou reduzindo os desejos e/ou a imaginação, ou ampliando nossa capacidade de ação (BAUMAN, 2001, p. 20-21).

A sensação de liberdade pode ser estimada, e para alcançá-la sugere-se refletir sobre a relação entre o desejo e a ação. Se a imaginação estimula o desejo de viver de várias formas, mas a sociedade limita isso, através de barreias econômicas e temporais a liberdade plena não pode ser atingida. Portanto, o equilíbrio entre o desejo e a ação provoca a sensação de liberdade, enquanto que o desequilíbrio desses fatores inibe essa sensação que gera um bem estar social. No entanto, a lógica de consumo exacerbado na modernidade líquida, torna a individualidade impotente, na medida que controla seus desejos. Neste sentido, Bauman (2001, p. 36) aponta que os “riscos e contradições contêm a ser socialmente produzidos; são apenas o dever e a necessidade de enfrentá-los que estão sendo individualizados”.

Essa tomada de conhecimento entendida por Bauman aponta que as instituições sociais não são mais forças determinantes e definidoras das identidades. Os homens e mulheres se tornaram livres, porém não sabem o que fazer com esse recurso, pois lhes faltam organização e rotina que não são mais vistas no estágio fluido da modernidade.

### 2.3.2 Individualidade

Tendo em vista todas essas mudanças de cenário, e a volatilidade intrínseca de todas, ou de quase todas identidades que se formam a partir de uma perspectiva líquida, afetadas pelo grau de liberdade genuína que a modernidade proporcionou. Isto permitiu que os indivíduos selecionassem sua própria identidade ou identidades e mantê-las enquanto desejar, o que a torna instável, verdadeiras fantasias de identidade.

Nesse ponto explorado por Bauman (2001) busca compreender como se formam as identidades e as personalidades nesta etapa fluida da vida moderna. Se por um lado temos a capacidade de livremente fazer e desfazer das coisas ao nosso redor à vontade. E como os fatos apresentados acima mostram, a característica fundamental dessas identidades está na mediação através do consumo. Para adentrar nesse universo consumidor, o sociólogo insere em nosso vocábulo duas novas nomenclaturas para o sistema capitalista, são elas: capitalismo pesado e capitalismo leve.

O mundo para ele estava dividido “entre administradores e administrados, projetistas e seguidores de projetos” (BAUMAN, 2001, 53) e durante modernidade sólida foram os grandes administradores das empresas capitalistas que dominaram o mundo, ou seja, indústrias cujos modelos de produção foram desenvolvidos para otimizar a produtividade. Se refere ao capitalismo liderado e simbolizado pela indústria pesada, fabricação de aço, petróleo e bens de consumo duráveis como carros e eletrodomésticos. Um bom exemplo apresentado pelo sociólogo é o Fordismo e do Taylorismo, cuja racionalização baseava-se na separação dos aspectos intelectual e manual do trabalho que se transfigura pela sociedade que se sistematizava pela ordem de cima e incorporava ao maquinário pelos projetistas. Se caracterizava como modelo de produção padronizado, organizado e previsível.

O modo como os seres humanos entendem o mundo tende a ser sempre *praxeomórfico*: é sempre determinado pelo *know-how* do dia, pelo que as pessoas podem fazer e pelo modo como usualmente o fazem. A fábrica fordista, com a meticulosa separação entre projeto e execução, iniciativa e atendimento a comandos, liberdade e obediência, invenção e determinação, com o estreito entrelaçamento dos

opostos dentro de cada uma das oposições binárias e a suave transmissão de comando do primeiro elemento de cada par ao segundo, foi sem dúvida a maior realização até hoje da engenharia social orientada pela ordem. Não surpreende que tenha estabelecido o quadro metafórico de referência (mesmo que a referência não fosse citada) para todos os que tentavam compreender como a realidade humana opera em todos os seus níveis, tanto o societal-global quanto o da vida individual. Sua presença dissimulada ou aberta é fácil de detectar em visões aparentemente tão distantes como o “sistema social” parsoniano, que se auto-reproduz e é dirigido pelo “conjunto central de valores”, e o “projeto de vida” sartreano, que serve como projeto-guia para o esforço de construção da identidade do eu.” (BAUMAN, 2001, p.56).

Era, portanto, esta visão do mundo que sustentava o discurso dominante em conjunto com o próprio mundo, formado e reformado à imagem dessa visão. Isto é, “separaram o factível do implausível, o racional do irracional, o sensato do insano, e de outras formas ainda determinaram e circunscreveram a gama de alternativas dentro das quais confinar as trajetórias da vida humana” (BAUMAN, 2001, p.55). Esse modelo de produção dominava a autoconsciência da sociedade moderna em sua fase pesada, volumosa e densa.

Para realizar a atividade o indivíduo deveria dedicar-se exclusivamente aquela força de trabalho maciça, de forma presencial e fixa. Estabelecendo um vínculo duradouro entre o empregado e o empregador. No entanto, “o rompimento dessa corrente foi também o divisor de águas decisivo na experiência de vida, e se associa à decadência e extinção aceleradas do modelo fordista” (BAUMAN, 2001, p.55). Na medida que foram se modificando, prometiam emancipação das barreiras dominantes, assim como a mudança de centro econômico.

Dando origem ao capitalismo leve, do qual seu foco estava no capital financeiro e as empresas de tecnologia, como por exemplo, os bancos, a bolsa de valores e plataformas digitais e as redes sociais que colecionam e vendem os dados pessoais. Neste campo de consumo, os bancos de dados são os principais responsáveis por acelerar esse processo, ao coletar e selecionar informações que impulsionam o consumo em larga escala na sociedade.

Este tipo de capital leve, se caracteriza por uma espécie de capital que consegue fluir, se mobiliza visando o lucro. A promessa que a privatização da economia e da vida pública emancipariam os indivíduos da autoridade presente na solidez, não se concretizou, mas sim surgiram novas autoridades. Enquanto, na modernidade sólida o grande símbolo da autoridade eram os estados nacionais que perderam força para as grandes corporações da tecnologia e do sistema financeiro que vão dando lugar as novas formas de autoridades na modernidade líquida.

Essas novas formas de autoridade coexistem competindo entre si em busca de cativar os indivíduos. Dessa forma, não conseguem se manter por muito tempo ou atingir a posição de exclusividade. Essas autoridades exercem sua influência sobre o consumo não de maneira

forçada, obrigatória, mas seduzem e tentam a constante exercício de compra e troca e isso se reflete na identidade das personalidades.

A transição entre o sólido e o líquido é também a mudança entre a produção e o consumo, este para Bauman (2001) seria o resultado da dissolução das estruturas sociais, como emprego e nacionalidade, bases que eram sólidas e ancoravam a identidade do indivíduo na modernidade sólida. Enquanto que na modernidade líquida o “senso do eu não é tão fixo: é fragmentado, instável, quase sempre incoerente internamente, sendo, com frequência, não mais que a soma das escolhas de consumo a partir da qual é tanto constituído quanto representado” (CRISTOPHER TRORPE et al, 2016, p. 142).

Na modernidade líquida cada indivíduo define sua individualidade e produz a sua personalidade como uma mercadoria. Esta personalidade é comercializada não só na esfera do trabalho, como era posto na modernidade sólida. Agora, ela abrange todas as ramificações da vida do indivíduo. O limite entre o eu autêntico e a representação do eu através das escolhas de consumo se rompe: somos, de acordo com Bauman (2001), o que compramos, isto se reflete em nossas escolhas, gostos e preferências, sejam em objetos físicos que compramos como por exemplo: instrumentos, utensílios, cosméticos, objetos de decoração, eletrodomésticos, entre outros. E as mercadorias culturais: cursos, músicas, livros, séries, esportes, filmes, viagem, etc. Se resume a tudo que consumimos e usamos para expressar nossa personalidade publicamente. E de forma intensa nos dias atuais, está amostra como uma vitrine nas redes sociais (KOEHLER; CARVALHO, 2013).

Para Zygmunt Bauman (2001, p. 81), a mediação da personalidade se dá pelo consumo e para o consumo, não apenas a aquisição de bens, mas também em estilos de vida que são orientados por fontes alternativas cada vez mais díspares. Mediadas pelo “formidável poder que os meios de comunicação de massa exercem sobre a imaginação popular, coletiva e individual” essas passam a estabelecer “os padrões da realidade e de sua avaliação, e também a necessidade de tornar mais palatável a realidade vivida”. E esta seria a condição para o indivíduo participar dessa sociedade, de ter liberdade, ainda que limitada e ilusória.

A vida desejada tende a ser a vida "vista na TV". A vida na telinha diminui e tira o charme da vida vivida: é a vida vivida que parece irreal, e continuará a parecer irreal enquanto não for remodelada na forma de imagens que possam aparecer na tela. (Para completar a realidade de nossa própria vida, precisamos passá-la para videotape essa coisa confortavelmente apagável, sempre pronta para a substituição das velhas gravações pelas novas). Como diz Christopher Lasch: "A vida moderna é tão completamente mediada por imagens eletrônicas que não podemos deixar de responder aos outros como se suas ações — e as nossas estivessem sendo gravadas e

transmitidas simultaneamente para uma audiência escondida, ou guardadas para serem assistidas mais tarde (BAUMAN, 2001, 82).

Essa mudança de fase fica evidente na política com Margaret Thatcher, ministra britânica entre 1979 a 1990, que reverberou uma frase que ecoa até os dias de hoje. Na concepção de Bauman (2001, p. 63) a infame frase da ministra “não existe essa coisa de sociedade, existem apenas indivíduos e suas famílias” é ao mesmo tempo uma reflexão perspicaz sobre a mudança no caráter do capitalismo e representa o formado individualista que cerca a sociedade. Logo se tornou um símbolo do neoliberalismo, modelo que reorganizou o capitalismo a partir da desregulamentação e privatização da economia como resposta à crise de modelo de estado de bem estar social. Para Bauman (2001) o neoliberalismo é a expressão econômica da liquidez.

O capitalismo não entregou os bens às pessoas; as pessoas foram crescentemente entregues aos bens; o que quer dizer que o próprio caráter e sensibilidade das pessoas foi reelaborado, reformulado, de tal forma que elas se agrupam aproximadamente, com as mercadorias, experiências e sensações, cuja venda é o que dá forma e significado a suas vidas (LASCH, 1985, apud BAUMAN 2001, p. 82)

O diagnóstico descrito pelo sociólogo aponta que o individualismo é um sintoma que representa o espírito da modernidade líquida. Onde os laços sociais estão se tornando cada vez mais frágeis e passageiros. Na modernidade líquida a identidade de um indivíduo não está baseada na história individual ou no conjunto de aprendizados que são adquiridos e compartilhados com os outros através da convivência e diálogo, mas está fundamentada no indivíduo cujo senso do eu, de forma autêntica, se fragmenta e estilos de vida se confundem com hábitos de consumo.

### 2.3.3 Tempo e espaço

Sendo assim, durante a modernidade sólida esses aspectos estavam entrelaçados e dificilmente era possível distingui-los. Na modernidade líquida tudo se transforma em ritmo acelerado. A unidade de tempo passou a depender da tecnologia, Bauman aponta que esse avanço se dá pela evolução dos meios artificiais de transporte que facilitavam o deslocamento, os limites da vida sólida estavam à velocidade do movimento, “apenas o céu ou, como acabou

sendo depois, a velocidade da luz, era agora o limite, e a modernidade era um esforço contínuo, rápido e irrefreável para alcançá-lo” (BAUMAN, 2001, p.13).

Essa relação ambígua entre o tempo e o espaço na modernidade líquida pode ser entendida como relação de poder e conquista. Isso porque “o tempo adquire história uma vez que a velocidade do movimento através do espaço se torna uma questão do engenho, da imaginação e da capacidade humanas” (BAUMAN, 2001, p.13). Nesse sentido, o tempo moderno adquire flexibilidade e expansividade, se tornando o meio para conquistar espaço. Com a chegada dos tempos modernos líquidos a velocidade do movimento e o acesso a meios mais rápidos de mobilidade tomam a posição de principal ferramenta do poder e da dominação.

O poder se tornou verdadeiramente extraterritorial, não mais limitado, nem mesmo desacelerado, pela resistência do espaço, antes era o lado sólido, impassível, e inerte, um obstáculo aos avanços do tempo. O tempo, por outro lado, era o lado dinâmico, ativo e uma força colonizadora. Bauman (2001, p.15) traz como exemplo o advento do telefone celular com “golpe de misericórdia simbólico na dependência em relação ao espaço”, como ele assim nomeou. A necessidade de se deslocar para ter acesso a um ponto telefônico não é mais pertinente para que uma ordem seja dada e cumprida. “Não importa mais onde está quem dá a ordem, a diferença entre ‘próximo’ e ‘distante’, ou entre o espaço selvagem e o civilizado e ordenado, está a ponto de desaparecer” (BAUMAN, 2001, p. 15).

Para entendermos melhor Bauman (2001, p. 16) parafraseando Jim MacLaughlin explica que o advento da era moderna significou, entre outras coisas, “o ataque consistente e sistemático dos assentados, convertidos ao modo sedentário de vida, contra os povos e o estilo de vida nômades”, que viviam “completamente alheios às preocupações territoriais e de fronteiras do emergente Estado moderno”. Ao longo do estágio sólido da era moderna, os hábitos nômades foram aceitos. A sociedade estava ligada aos preceitos da vida sedentária, a ideia de fixa-se em um lugar e constituir raízes. “A falta de endereço fixo e de estado de origem significava exclusão da comunidade obediente e protegida pelas leis, frequentemente tornando os nômades vítimas de discriminação legal, quando não de perseguição ativa” (BAUMAN, 2001, p. 16-17).

No estágio fluido da modernidade, a vida sedentária e fortemente criticada, e passa a ser dominada pela elite nômade e extraterritorial, que não se limita a um território, a um emprego, a um relacionamento que te prende a uma vida estável e monótona. Isso, no entanto, gera a desintegração social, que se torna uma condição do novo modo de vida, um resultado da nova técnica do poder expansionista e à mercê das novas oportunidades.

Para que o poder tenha liberdade de fluir, o mundo deve estar livre de cercas, barreiras, fronteiras fortificadas e barricadas. Qualquer rede densa de laços sociais, e em particular uma que esteja territorialmente enraizada, é um obstáculo a ser eliminado. Os poderes globais se inclinam a dismantelar tais redes em proveito de sua contínua e crescente fluidez, principal fonte de sua força e garantia de sua invencibilidade. E são esse derrocar, a fragilidade, o quebradiço, o imediato dos laços e redes humanos que permitem que esses poderes operem (BAUMAN, 2001, p. 18).

O sociólogo ainda nos esclarece que em tempos sólidos o espaço ocupado é algo mais valioso do que o tempo, enquanto os líquidos, por não possuírem forma estável, consideram relevante o tempo, o espaço se torna insignificante pois suas formas não se limitam e se moldam mediante as mudanças sucedidas pelo momento. Essa situação se reflete no modo de vida dos indivíduos, ao passo que vão revelando características intrínsecas de um modo de vida líquido.

O que está acontecendo hoje é, por assim dizer, uma redistribuição e realocação dos “poderes de derretimento” da modernidade. Primeiro, eles afetaram as instituições existentes, as molduras que circunscreviam o domínio das ações-escolhas possíveis, como os estamentos hereditários com sua alocação por atribuição, sem chance de apelação. Configurações, constelações, padrões de dependência e interação, tudo isso foi posto a derreter no cadinho, para ser depois novamente moldado e refeito; essa foi a fase de “quebrar a forma” na história da modernidade inerentemente transgressiva, rompedora de fronteiras e capaz de tudo desmoronar (BAUMAN, 2001, p. 11).

### **3 APLICANDO A TEORIA DE BAUMAN**

Como vimos, o sociólogo Zygmunt Bauman é considerado um dos pensadores mais influentes e eminentes da era moderna, apesar de não se encaixar em nenhuma tradição intelectual específica, seus escritos são relevantes para um vasto leque de assuntos que permeiam nosso cotidiano.

Dentro dos estudos da sociologia, suas obras despertaram o interesse e impulsionam o debate sobre os problemas atuais. A obra *Modernidade líquida*, considerada pela grande maioria dos pensadores da atualidade como uma contribuição singular ao campo serviu como base teórica para que sociólogos como Donncha Marron (2009) direcionassem sua pesquisa para esse templatente.

O sociólogo irlandês, Donncha Marron (2009), atualmente é professor de Sociologia na Divisão de Sociologia da Escola de Ciências Sociais e da Saúde. Desempenha a função de Líder

do Programa para o grau de Sociologia BA. Sua formação acadêmica é em Economia e Sociologia pela Universidade College Dublin com PhD em Sociologia na Universidade de Glasgow em 2006. Entre 2007 e 2014 foi professor e líder do curso de Mestrado em Responsabilidade Social Corporativa e Energia na School of Applied Social Studies da Robert Gordon University, Aberdeen. Foi Diretor Executivo no Refugee Appeals Tribunal e Diretor Administrativo no Departamento de Finanças, ambos na Irlanda.

Entre as suas produções, escreveu o livro titulado *Crédito ao consumidor nos estados Unidos, uma perspectiva sociológica do século XIX ao presente*, onde aborda a teoria de Zygmunt Bauman sobre a modernidade líquida, apresenta o crédito como um equalizador social, fator determinante para promoção de padrões de vida mais elevados entre massas e permitindo a todos desfrutar da realização de seus desejos consumistas.

Ao se deparar com as implicações feitas por Bauman em sua obra, O sociólogo Donncha Morron buscou contribuir com o campo de pesquisa aplicando o conceito de Bauman de modernidade líquida à revisão crítica do crédito para consumo nos Estados Unidos da América através da produção do livro. O estudo é pautado pela seguinte sugestão de Bauman de que os bens de consumo as marcas são uma característica única de como os indivíduos constroem sua identidade pessoal.

Donncha Morron (2009) nota que o cartão de crédito é uma ferramenta importante nesse processo, porque se encaixa perfeitamente na capacitação das pessoas em se adaptar à forma de vida fluida que Bauman apresenta. A tese é que o cartão de crédito pode, por exemplo, ser usado para pagar compras que satisfaçam o desejo de consumo. Ele faz com que pagar as coisas fique mais simples, rápido e mais fácil de gerenciar. O cartão de crédito também cumpre o papel, é claro, de servir à função, esclarece Morron (2009), de pagamento de contas e despesas diárias, conforme as pessoas trocam de emprego ou têm mudanças de carreira significativas.

O cartão de crédito traz em sua estrutura uma bandeira ligada a coisas em que o adquire tem interesse, como times de futebol, instituições de caridade ou lojas. Esses cartões de fidelidade representam uma forma pequena, mas significativa, de uma pessoa ser capaz de escolher e mostrar o que pensa de se mesma ao mundo exterior.

Como foi apresentado no início deste trabalho, o conceito de modernidade líquida, desenvolvido pelo sociólogo Zygmunt Bauman, descreve a era atual como um período caracterizado pela volatilidade, incerteza e falta de estruturas sólidas. Nesse contexto, Morron (2009) atribui ao crédito um fator determinante para a promoção de padrões de vida mais elevados e para permitir que as pessoas desfrutem da realização de seus desejos consumistas, formado muito característico dos tempos modernos.

Entende-se por Crédito, um termo utilizado na área financeira para se referir à concessão temporária de recursos financeiros por parte de uma instituição ou pessoa, conhecida como credor, a outra pessoa ou entidade, conhecida como devedor. Essa concessão é feita com a expectativa de que o valor concedido será reembolsado futuramente, geralmente acrescido de juros ou taxas. Podendo ser concedido de várias formas, como empréstimos, financiamentos, cartões de crédito, cheque especial, entre outras modalidades (CARRUTHERS, 2009). Com base nisso, o crédito desempenha um papel importante na economia, permitindo que empresas e indivíduos tenham acesso a recursos financeiros para realizar investimentos, adquirir bens e serviços, expandir negócios, entre outras atividades. Ele impulsiona o consumo e o crescimento econômico, informação que é explorada por Morron (2009) Para ele, é justamente essa característica que afirma que estamos vivendo ainda na modernidade líquida como Bauman catalogou em suas pesquisas.

Nesse sentido, podemos entender que o crédito, fornecido por instituições financeiras e empresas, possibilita o acesso a bens e serviços que podem estar além do alcance financeiro imediato das pessoas. Isso inclui desde itens de necessidade básica, como alimentos e moradia, até produtos de luxo e experiências de lazer.

Ao disponibilizar recursos financeiros no presente em troca de posterior pagamento, o crédito equaliza, pelo menos temporariamente, as diferenças econômicas entre as pessoas. Ele permite que indivíduos de diferentes classes sociais possam adquirir os mesmos produtos ou desfrutar dos mesmos serviços, independentemente de sua renda atual (CARRUTHERS, 2009).

Esse equalizador social é particularmente relevante em uma sociedade onde as desigualdades econômicas são marcantes. O crédito oferece a oportunidade para que as massas possam alcançar um padrão de vida mais alto, adquirindo bens e serviços que anteriormente estavam limitados a apenas algumas pessoas privilegiadas. Além disso, o crédito também atua como um estímulo para o consumo, pois permite que as pessoas realizem seus desejos e satisfaçam suas necessidades instantaneamente, mesmo que não tenham o dinheiro disponível imediatamente. Isso contribui para a cultura consumista que se desenvolveu intensamente na modernidade líquida, onde a busca por prazer imediato e satisfação de desejos ganhou destaque (CARRUTHERS, 2009).

No entanto, é importante ressaltar que o crédito também pode ter consequências negativas. A falta de uma estrutura sólida e a volatilidade da modernidade líquida muitas vezes levam a situações de endividamento excessivo e inadimplência, criando um ciclo de dependência e desequilíbrio financeiro. Portanto, embora o crédito possa ser percebido como um equalizador social e uma forma de alcançar padrões de vida mais elevados na modernidade

líquida, é fundamental abordar o tema com cautela e responsabilidade, para evitar uma dependência insustentável e potenciais crises financeiras.

O crédito também representa o dinheiro elevado a uma forma ideal; o valor abandona sua encarnação física e passa a residir no ser social do mutuário e na forma de relações entre os indivíduos. No entanto, embora pareça trazer uma nova intimidade às relações humanas, o crédito simultaneamente as aliena de maneira profunda, pois, em tal transação, o valor de um indivíduo passa a ser moralmente avaliado não em termos humanos, mas econômicos. Ele fornece, fundamentalmente, um novo meio de acumulação para aqueles que possuem capital e um novo modo de degradação para aqueles que não possuem, fomentando enganos e enganos mútuos e um novo nível de estranhamento entre os indivíduos sob o capitalismo. O crédito, então, não é o sintoma de um colapso no capitalismo, mas sim a manifestação de uma nova fase fortalecida (MORRON, 2009, p.08)

Esse ponto apresentado por Morron correlaciona com o que foi dito por Bauman (2001) sobre o consumo e identidade. Para o sociólogo, os indivíduos nos tempos modernos buscam por construir sua identidade pelo consumo exacerbado, as orientações, estabilidade e direção pessoal estão em fontes alternativas cada vez mais dispersas e díspares, o que consumimos se torna nosso estilo de vida. Outro ponto defendido por Morron (2009) se refere a importante utilizar o crédito de forma consciente e responsável, considerando a capacidade de pagamento e evitando o endividamento excessivo. O mau uso do crédito pode levar a problemas financeiros e dificuldades para quitar as dívidas.

No entanto, o que Morron (2009, p.09) tenta neste livro é “apresentar uma alternativa sociológica em que o crédito é tratado como um processo social” da modernidade e não como um sintoma de outra coisa. Ao abordar esse campo dinâmico veremos que embora o crédito tenha visto como um problema a ser resolvido; ao mesmo tempo, ele está sendo apresentado como uma solução para uma série de outros problemas, assim explica:

Em nossas complexas sociedades modernas tardias, as prerrogativas econômicas do capitalismo tornaram-se vinculadas à geração, satisfação e regeneração contínuas das vontades e desejos do consumidor, enquanto o senso de individualidade e a sociabilidade do indivíduo tornaram-se indelévels. ligadas às possibilidades autorrealizáveis de formas mercantilizadas de consumo e crédito. Ao mesmo tempo, o uso do crédito passou a ser monitorado de perto e regulado de fora e de dentro do indivíduo por meio de processos de governança que atuam sobre e por meio dos meios e da capacidade de autocontenção do indivíduo. Ao abordar o que acredito ser essa condição fundamental e subanalizada, evito retrair os meios pelos quais o crédito ao consumidor é concebido como um caminho universal para uma cidadania econômica abrangente para todos. Tampouco tento medir o grau em que nossas chamadas sociedades de consumo perderam de alguma forma uma virtude econômica cultural mais antiga e simples, em que o que era consumido era condicionado apenas pelos

recursos que cada um possuía. De forma mais ampla, também é muito cedo para dizer quais os efeitos da "crise de crédito" de 2008 nos empréstimos bancários de atacado e a subsequente recessão econômica terão sobre o crédito ao consumidor. Talvez deva ser notado, porém, que após quedas vertiginosas após 1929 e o início da Grande Depressão, os níveis de crédito ao consumidor gradualmente recuperaram seus níveis anteriores durante a década de 1930 (MORRON, 2009, 09).

O escopo dessa obra de Donncha Marron (2009) abrange os contextos históricos específicos de consumo e o papel dos consumidores, onde necessidades, vontades e desejos de bens geram satisfação, prazer e significado para os indivíduos o que embora para Bauman (2001) possa ser um ponto negativo da modernidade líquida, para Marron (2009) se conecta com as maneiras pelas quais a empresa capitalista passou a abraçar o consumidor, e o crédito se torna uma facilitar desse novo modo de vida.

A pesquisa desenvolvida por Donncha Marron (2009) sobre crédito para o consumo nos Estados Unidos, se associa com o conceito explorado por Bauman sobre a importância central do consumo na construção da identidade própria do indivíduo. E a investigação não se aplica apenas a aquisição de bens de consumo, mas todo estilo de vida, identidade e orientação que acompanham as mudanças que acontecem ao redor da sociedade. Para Marron (2009), o próprio cartão de crédito pode, com frequência, ter a bandeira ligada a coisas em que seu dono se interesse, como exportes, instituições, departamentos logísticos e entre outras. Essa proposta pode ser facilmente identificada nos cartões fidelidade, que exigem frequência de compra e também estabelece uma ligação de interesses e escolhas do indivíduo ao mundo exterior.

Nesse sentido, ao aplicar esse conceito à análise do crédito para o consumo nos EUA, Marron (2009) questiona a natureza temporária e fluida do sistema de crédito e como isso pode estar afetando a sociedade. Isso pode levar a uma análise crítica das consequências sociais e econômicas do crédito fácil e acessível, como endividamento excessivo, desigualdade econômica e instabilidade financeira, que é o eixo central da formação de identidade fluidas, apresentados por Bauman, quando se refere ao estado de constante mudança e instabilidade, onde as instituições e estruturas sociais são voláteis e se dissolvem facilmente impulsionando o indivíduo a um consumo rápido e implacável de bens de consumo e serviços.

### **3.1 Identidades fluidas**

Com base nesse estudo, Donncha Marron (2009) nos apresenta que o crédito fácil e acessível pode ter consequências sociais e econômicas significativas, tanto positivas quanto negativas. Se por um lado, a disponibilidade de crédito pode permitir que as pessoas realizem

compras que de outra forma não seriam possíveis, o que pode impulsionar a economia e o consumo. A disponibilidade do crédito também condiciona as pessoas a comprarem regulamente, coisas até sem utilidade, sem necessidade aparente, simplesmente pelo fato de ser possível adquirir aquele bem ou serviço através do crédito. Essa possibilidade de posse se dá pelo crédito e a influencia de compra pelo incentivo do mercado publicitário, como pontua marron (2009).

Nesse mesmo sentido, Juliet Schor (2006), em seu livro *Nascidos para comprar*, aborda como nossa sociedade esta condicionada, em tempos líquidos, a cultura de consumo desenfreado. Fator este que traz consequências socioeconômicas e ambientais devastadoras por consumimos excessivamente essa mentalidade no cotidiano, seja através do consumo de bens duráveis ou aqueles que adquirimos por conveniência. Bauman (2001), explica que essa condição é ocasionada pela instabilidade produzida pela modernidade líquida, impulsionada pelas mudanças repentinas, incentiva a busca pelo novo e consequentemente aumenta o descarte de outras. Para Schor (2006), a sociedade moderna, impulsionada pelo marketing e pela publicidade, incentiva o consumo compulsivo como uma forma de status social e satisfação pessoal. Em sua obra, a economista e professora de sociologia, Juliet Schor (2006) analisa como essa mentalidade consumista afeta a vida das pessoas, levando ao endividamento, à insatisfação constante e à fragmentação das comunidades.

Bauman (2001) relata que os indivíduos da sociedade moderna líquida estão condicionados a isso, pois existe uma falsa ideia que a felicidade está diretamente ligada à posse de bens materiais e propõe modelos alternativos de existência que priorizem a qualidade de vida e o bem-estar em detrimento do consumo excessivo.

A busca ávida e sem fim por novos exemplos aperfeiçoados e por receitas de vida é também uma variedade do comprar, e uma variedade da máxima importância, seguramente, à luz das lições gêmeas de que nossa felicidade depende apenas de nossa competência pessoal, mas (...) há muitas áreas em que precisamos ser mais competentes, e cada uma delas requer uma “compra”. “Vamos às compras” pelas habilidades necessárias a nosso sustento e pelos meios de convencer nossos possíveis empregadores de que as temos; pelo tipo de imagem que gostaríamos de vestir e por modos de fazer com que os outros acreditem que somos o que vestimos; por maneiras de fazer novos amigos que queremos e de nos desfazer dos que não mais queremos; pelos modos de atrair atenção e de nos escondermos do escrutínio; pelos meios de extrair mais satisfação do amor e pelos meios de evitar nossa “dependência” do parceiro amado ou amante; pelos modos de obter o amor do amado e o modo menos custoso de acabar com uma união quando o amor desapareceu e a relação deixou de agradar; pelo melhor meio de poupar dinheiro para um futuro incerto e o modo mais conveniente de gastar dinheiro antes de ganhá-lo; pelos recursos para fazer mais rápido o que temos que fazer e por coisas para fazer a fim de encher o tempo então disponível; pelas comidas mais deliciosas e pela dieta mais eficaz para eliminar as consequências de comê-las; pelos mais poderosos sistemas de som e as melhores pílulas contra a dor de cabeça. A lista de compras não tem fim. (BAUMAN, 2001, p. 72).

Nesse ponto explorado por Bauman (2001, p.81) o consumo influencia na construção de identidades fluidas ao permitir que as pessoas adquiram bens e serviços que correspondem às suas aspirações e desejos. Esse conceito de identidades fluidas, desenvolvido pelo sociólogo, refere-se à capacidade das pessoas de moldar e transformar sua identidade de acordo com as circunstâncias e as expectativas sociais do momento em que estão. Para ele, “o grau de liberdade genuína ou supostamente genuína de selecionar a própria identidade e de mantê-la enquanto desejado, que se torna o verdadeiro caminho para a realização das fantasias de identidade”, conclui ele, é através do consumismo se adquire essa capacidade, “somos livres para fazer e desfazer identidades à vontade”.

Para Bauman (2001), a busca incessante por consumir e atualizar constantemente os objetos de desejo cria uma sensação de impermanência nas identidades das pessoas. As pessoas passam a se identificar com esses bens e serviços temporariamente e passam a buscar novas formas de se expressar e construir uma identidade, de acordo com as tendências e modismos vigentes naquele momento, identidades que podem mudar e se transformar.

No entanto, essa fluidez das identidades também pode gerar insegurança e insatisfação constante entre os indivíduos. As pessoas podem sentir pressão para se manterem atualizadas e alinhadas com as expectativas sociais, levando a uma busca incessante por consumir cada vez mais (SCHOR, 2006). Nesse caso a identidade se torna dependente das coisas que se possui e das formas de consumo e como isso é exposto para os membros da comunidade (Bauman, 2001).

Sob essa mesma perspectiva do consumo, Marron (2009) também discute como o crédito disponibilizado pelas empresas estimula e molda as demandas dos consumidores por meio de estratégias e manipulação psicológica que visam a venda constante e a necessidade de adquirir novos bens e demandas da sociedade. Devido a isso, o crédito, ao possibilitar o acesso a bens e serviços de forma instantânea e sem a necessidade de acumular recursos ao longo do tempo, alimenta a cultura do imediatismo e da gratificação instantânea. Nessa fase da modernidade, as pessoas podem adquirir produtos que refletem suas aspirações e desejos mais profundos, mesmo que isso signifique comprometer suas finanças futuras (FERREIRA, 2010).

Além disso, Marron (2009) explora, dentro desse campo do consumismo, as consequências do crédito abusivo e endividamento excessivo, enfatizando como isso pode levar à vulnerabilidade financeira dos indivíduos e a um ciclo de dependência do crédito e de compras. Dentre as consequências negativas pontuadas pelo sociólogo, se destaca o endividamento excessivo. Que se refere ao estágio de quando o crédito é facilmente acessível pelas pessoas, que podem se endividar além de sua capacidade de pagamento. Isso pode levar

a uma espiral de dívida, onde as pessoas têm dificuldade em pagar suas obrigações financeiras, acumulam mais dívidas, através de juros e multas, e podem até entrar em inadimplência. O endividamento excessivo pode afetar negativamente a qualidade de vida das pessoas, sua saúde mental e sua capacidade de progredir socialmente (SCHOR, 2006).

Outro ponto explorado por Marron (2009) é sobre como o crédito fácil e acessível pode aumentar a desigualdade econômica. Isso porque, segundo Marron (2009, p.54) “pessoas com maior renda e patrimônio líquido geralmente têm acesso a melhores condições de crédito, enquanto aqueles com renda e patrimônio mais baixos podem enfrentar taxas de juros mais altas e termos desvantajosos”. Isso pode resultar em uma lacuna cada vez maior entre ricos e pobres, com os menos favorecidos acumulando dívidas e dependendo de crédito de alto custo para atender às suas necessidades básicas.

Em resumo, o crédito para o consumo influencia na construção de identidades fluidas ao permitir acesso imediato a bens e serviços que refletem aspirações e desejos, alimentando uma cultura de consumismo e imediatismo. Essa busca constante por novos objetos de desejo pode gerar insegurança e insatisfação, pois a identidade se torna dependente do consumo e da atualização constante dos objetos de desejo (MARRON, 2009). Nesse ponto que sua obra espelha o conceito atribuído por Bauman sobre como o consumo influencia na formação de identidades fluidas, ainda que isso tenha implicações instáveis. Embora esse não seja o único ponto central da obra de Marron (2009) que explora bastante o campo econômico.

Em ambas obras, *Modernidade líquida* de Zygmunt Bauman (2001) e *Crédito ao consumidor nos estados Unidos, uma perspectiva sociológica do século XIX ao presente* de Donncha Marron (2009) abordam as transformações da sociedade moderna e suas consequências para as relações sociais e consumo. Enquanto a obra de Marron (2009) se concentra na análise do crédito ao consumidor, abordando como esse fenômeno se desenvolveu ao longo do tempo e suas implicações negativas e positivas para a sociedade, a obra de Bauman discute a natureza líquida e fluída da sociedade moderna, caracterizada pela instabilidade, incerteza e liquidez das relações sociais, incluindo as relações de consumo que contribuem para a formação de identidades líquidas e volantes.

## 5 CONCLUSÃO

Diante do exposto, notamos que o ponto principal da obra *Modernidade líquida* de Zygmunt Bauman é provocar o leitor, mostrando que a emancipação na modernidade líquida não deve ser pensada da mesma maneira da modernidade sólida. A crítica deve dirigir

ao fluxo e para os agentes do fluxo que delineiam o modo de vida da atualidade. A obra ainda nos instiga a outras questões, como superar esse modelo de dominação da modernidade líquida? Bauman não traz respostas para essa pergunta, mas nos traz elementos para alcançar essa mudança. O sociólogo aponta o lugar que a crítica deve se direcionar, que não se refere ao estado, as multinacionais e burocracias como foi realizado na modernidade sólida, mas sim ao individualismo, a privatização de assuntos públicos e as transnacionais que é o foco da modernidade líquida. Pois o modelo de sociedade que se transformou, mudou ao derreter o que era predominantemente sólido em líquido.

Assim, ao dispor da modernidade em pedaços, como se refere o título que propomos nesta pesquisa, percebemos a partir do que delineia os sociólogos, que os padrões da crítica devem mudar se desejarmos transformar esse cenário, embora as estruturas da modernidade sólida não tenham desaparecido definitivamente, mas ainda convivem com as líquidas, ainda que raramente. Zygmunt Bauman ao trazer à tona essas questões, não está sugerindo um retorno da etapa sólida da modernidade, pois isto só poderia ser considerado através de medidas extremas, ditatoriais e que sufocam ainda mais a liberdade do indivíduo. O sociólogo, esclarece que esse desejo de regresso ao passado é um mecanismo de defesa contemporâneo desenvolvido na tentativa de recuperar alguns hábitos que ilusoriamente parecem confortáveis.

Ao associar o consumo e a construção da identidade Bauman (2001) mostra que na modernidade líquida, o “senso do eu” está fragmentado e permanece instável, mantendo uma incoerência internamente, sendo, com frequência, não mais do que a soma das escolhas de consumo a partir da qual é tanto construído quanto representado na identidade própria do indivíduo. Junto a essa ideia, a pesquisa do sociólogo Donncha Morron, sobre o crédito para o consumo nos Estados Unidos, apesar de ser uma teoria aplicada a um local e se espelha a uma condição global que pode nos fornecer uma base para discussões e debates sobre os impactos do crédito para o consumo na sociedade, permitindo que políticas e intervenções adequadas sejam desenvolvidas para lidar com quaisquer problemas que tenham sido identificados. Além disso, a pesquisa pode ajudar a aumentar a conscientização sobre os riscos e desafios associados ao crédito para o consumo e promover uma maior responsabilidade por parte dos consumidores e das instituições financeiras que pleiteiam esse cenário da modernidade líquida.

Em suma, a modernidade líquida de Zygmunt Bauman descreve um mundo em constante mudança, onde a estabilidade e a segurança são substituídas pela fluidez e pela incerteza. Sua pesquisa oferece uma reflexão crítica sobre as transformações sociais e culturais

da sociedade moderna e busca entender as consequências dessas mudanças para as relações humanas e para a vida em sociedade.

## REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Zigmunt. **Amor líquido: Sobre a fragilidade dos laços humanos**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- BAUMAN, Zigmunt. **Modernidade líquida**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- BAUMAN, Zigmunt. **Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadoria**. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 2008.
- Braga, Marco. **Breve história da ciência moderna**, volume 2: das máquinas do mundo ao universo-máquina / Marco Braga, Andreia Guerra, José Claudio Reis. - Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004
- CARRUTHERS, Bruce G. **A Sociologia do Crédito e da Finança. Sociologia Econômica e das Finanças: um projeto em construção**, 2009.
- FERREIRA, Daniela Abrantes; ÁVILA, Marcos; DE FARIA, Marina Dias. **Efeitos da responsabilidade social corporativa na intenção de compra e no benefício percebido pelo consumidor: um estudo experimental**. *Revista de Administração*, v. 45, n. 3, p. 285-296, 2010.
- GIDDENS, Anthony. **Sociologia: Revisado e atualizado**. 6ª ed. Porto Alegre: Penso, 2011.
- KOEHLER, Cristiane; CARVALHO, Marie Jane Soares. **O público e o privado nas redes sociais: algumas reflexões segundo Zygmunt Bauman**. *Revista Espaço Pedagógico*, v. 20, n. 2, 2013.
- LIMA, Evandro Pereira de. Bauman, Zygmunt. **Estranhos à nossa porta**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar. 2017. *Tempos Históricos*, Volume 23, 1º Semestre de 2019, p. 736-740.
- LÍQUIDO**. In: DICIO, Dicionário Online de Português. Porto 7Graus, 2022. Disponível em: <http://www.dicio.com.br/líquido/>. Acesso em: 08 de jun. de 2022.
- MARRON, Donncha. **Consumer credit in the United States: A sociological perspective from the 19th century to the present**. Springer, 2009.
- MENDONÇA, Alex Jordan Oliveira; RUBIM, Larissa Campos; MOTA, Maria de Nazareth Vasques. **Análise do direito social do trabalho no Brasil e sua precarização como fator determinante ao trabalho escravo contemporâneo à luz da modernidade líquida de Zygmunt Bauman**. *Brazilian Journal of Development*, v. 8, n. 3, p. 19181-

19195, 2022

**MODERNIDADE.** In: DICIO, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2022. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/modernidade/>>. Acesso em: 02 de jun, de 2022.

OLIVEIRA, Larissa Pascutti. **ZYGMUNT BAUMAN: a sociedade contemporânea e a sociologia na modernidade líquida.** Sem Aspas, Araraquara, v. 1, n. 1 p. 25-36, 1º semestre de 2012.

**O livro da sociologia** / [colaboradores Christopher Thorpe... [et. al.]; tradução Rafael Longo.- 2. ed. - São Paulo: GloboLivros, 2016.

SCHOR, Juliet B. **Nascidos para comprar.** Editora Gente Liv e Edit Ltd, 2006.

WAGNER, IZABELA. Bauman: **Uma biografia.** Rio de Janeiro: Zahar; 1ª edição, 2020.